

## Lugar de festa e de tradições na comunidade da Candelária, no morro da Mangueira

1

Mônica Nunes NEUSTADT<sup>2</sup>

Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Este artigo pretende apresentar a “atmosfera” festiva da Candelária, considerada como a região mais antiga do complexo de favelas da Mangueira, na zona norte do Rio de Janeiro. As tradições culturais e da culinária do lugar foram deixadas pelos antepassados provenientes de Minas Gerais que ocuparam a região em meados do século XX em busca de trabalho no Rio de Janeiro. Até hoje, os moradores tentam manter esses hábitos e costumes dentro da comunidade.

**Palavras-chave:** tradição; festa; culinária; Candelária.

### Introdução

O homem comum não seleciona somente os percursos que pretende traçar na cidade como também a forma de se apropriar do espaço urbano, que surge a partir da criação de comunidades de sentido ou de novas formas de uso. Essas descobrem modos inéditos de experimentar o tempo, reinventando lugares e significados que modificam as antigas formas de relacionamento com o espaço.

Os espaços se tornam lugares de afetos e/ ou desafetos. Quando esses espaços são apropriados pelos homens comuns tanto em sua materialidade quanto pela sua imaterialidade surgem os territórios. O espaço é a própria cidade significada, ou seja, construída simbolicamente por seus atores sociais. (MAIA e BIANCHI, 2012, p.132)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professora assistente da Universidade Veiga de Almeida (UVA-RJ). E-mail: monica.neustadt@uva.br

Se nas ruas é possível essa maleabilidade no uso do tecido urbano promovida pelos atores sociais que buscam interstícios nessa cidade moderna construída de forma cartesiana, na favela, em que a relação entre o público e o privado se mistura, é ainda mais marcante. A dicotomia entre a casa e a rua não faz parte do cotidiano da comunidade. São duas situações integradas que compõem o espaço, que por meio da apropriação realizada pelos atores sociais leva à ressignificação, transformando-o em territórios. Segundo Sigaud (1997), a favela é um resumo das práticas urbanas intensivas com a produção de valores materiais e simbólicos em que usos e trocas são respeitados.

Percebe-se essa perspectiva quando os moradores da Candelária, região pertencente ao complexo de favelas da Mangueira, se apropria da Rua Graciete Matarazzo, mais conhecida como Rua de Baixo, para realizar as festas comunitárias.

É importante abrir um parêntese neste momento para tratar do conceito de lugar, tão bem explorado pelo geógrafo Milton Santos. Para Santos (2009), o lugar não pode ser identificado como um espaço qualquer, mas um local que abriga manifestações espontâneas, criativas. Inclusive, está associado ao afeto, criador de vínculos emocionais e altamente representativo para um determinado grupo social.

Portanto, pode-se inferir que a Rua de Baixo é esse lugar dentro da comunidade Candelariense em que as famílias se reúnem para compartilhar esse momento de estar-junto (MAFFESOLI, 2014) proporcionado pelas festividades tendo sempre a presença garantida de pratos variados para todos os gostos e apetites.

## **Festivos desde a Colônia**

A festa é um momento de partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários, mas também a alegria da comemoração ajuda os atores sociais a reafirmar laços de solidariedade entre os sujeitos. (MARY DEL PRIORE, 1994). Não é de hoje que o povo brasileiro é festivo. Segundo a autora, a celebração do passado colonial pode ser um instrumento de compreensão dos motivos que levaram até hoje a cultura brasileira a conservar as suas comemorações.

No período colonial, as festividades baseavam-se pelo ciclo agrícola, em que os indivíduos se reuniam para celebrar a colheita ou pedir proteção para a semeadura. Porém,

de acordo com Del Priore (1994), com o aparecimento do Cristianismo, surgiram novas datas comemorativas.

[...] A Igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico. Essas festas são distribuídas em dois grupos distintos: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros). Nos intervalos das grandes festas religiosas, eram realizadas outras menores aos domingos, por isso chamadas ‘Domingas’. (PRIORE, 1994, p.13)

Além de festividades relacionadas à Igreja, também ocorriam celebrações voltadas para datas importantes na vida dos governantes, como casamentos, nascimentos e mortes, numa cerimônia que deixava evidente o poder real na Colônia. (PRIORE, 1994, p.14)

As festas familiares não se restringiram apenas a esse período histórico. As celebrações fazem parte da vida cotidiana dos cariocas. No século XX, a alta sociedade promovia a comemoração de aniversários em uma festa íntima, restrita a amigos próximos e familiares. A programação incluía comidas, bebidas, canto, dança e encenações. (ARAÚJO, 1993). Engana-se, porém, quem pensa que esse “fervor” festivo era uma exclusividade da elite. “Nos setores pobres, cortiços e favelas, também se cultivava o lazer doméstico, ao som de um outro tipo de música e dança, usufruindo, a seu modo, da convivência familiar”. (ARAÚJO, 1993, p.271).

Neste momento, é importante trazer a contribuição de Émile Durkheim, ao enfatizar que, da mesma forma que na cerimônia religiosa, na festa, o indivíduo deixa de lado seus problemas do dia a dia, liberta-se de si mesmo em um momento de “efervescência”.

[...] Toda festa, mesmo que seja puramente laica por suas origens, tem certos caracteres da cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. (DURKHEIM, 1985, p. 547-548).

Portanto a festa e a cerimônia religiosa possuem características comuns, como o excesso e a transgressão, apresentadas em forma de gritos, danças, músicas e movimentos violentos. (PEREZ, 2002).

No próximo item deste trabalho, utilizar-se-á o lócus desta pesquisa: a Candelária, região mais antiga do complexo de favelas da Mangueira, na zona norte do Rio de Janeiro.

### **A festa Junina e tantas outras comemorações**

A comunidade da Candelária, localizada no complexo de favelas da Mangueira, no Rio de Janeiro, é um lugar que tem como característica a festa realizada no meio da rua, mais precisamente na Graciete Matarazzo, ou popularmente conhecida como a Rua de Baixo. Essa peculiaridade é uma reminiscência dos moradores antigos, provenientes de Minas Gerais, que utilizavam esse espaço para celebrar. E, até hoje, quando há festa na comunidade, pode contar que existe algum Louzada<sup>3</sup> envolvido na organização.

Antigamente, a nossa família fechava a Rua de Baixo, fazendo festa junina, as comemorações de feriados, era tudo organizado por Louzada. Tinha um Louzada na organização e até hoje. É verdade, tipo, os maiores movimentos que têm de comemoração, de brincadeira, tem um Louzada, é organizado por um Louzada. Tá no sangue.<sup>4</sup>

Dia das Mães, das Crianças, festas de aniversário, Junina, 7 de setembro, Natal, Folia de Reis... A Candelária possui um calendário de comemorações comunitárias. As datas, tirando o Torneio de futebol de 7 de setembro, não são fixas, dependem de alguns fatores, como a disponibilidade financeira dos moradores e de não haver outra festa no mesmo dia.

A presidente da Associação Meninas e Mulheres do Morro, Kely Louzada, afirma que a comunidade era bem mais animada antigamente, mas está ocorrendo um movimento por parte dos moradores para tentar resgatar a tradição dos áureos tempos.

Olha, tá voltando essa questão de comemorações aqui na Candelária, tá voltando. Porque passou uma época muito ruim, muito ruim mesmo. A gente tem certo é o 7 de setembro, que esse ano foi muito bacana. Eu não participei, mas eu vi as fotos no Face, eu vi as pessoas comentando com orgulho, caramba, foi muito maneiro! O Natal que a gente passa algum tempo em família, festa junina, que esse ano voltou a ter. [...] Dia das Mães teve uma comemoração lá na Rua de Baixo, tímida ainda, mas teve.

<sup>3</sup> Louzada é o sobrenome de uma das primeiras famílias provenientes de Minas Gerais que habitaram o morro.

<sup>4</sup> Trecho de entrevista de Kely Louzada, nascida e criada na Candelária e líder comunitária, realizada em outubro de 2013.

Era tudo que a gente tinha perdido, que tinha se perdido no tempo, tá voltando a ser resgatado. Até por um grupo bom que entendi que isso tem que voltar a acontecer é o legado do neto [referindo-se ao seu neto, Lucca]. É o neto que tem que viver o que eu já vivi, o que a minha filha viveu.<sup>5</sup>

E esse resgate das festividades dentro da favela veio pelas mãos das mulheres, que possuem um papel fundamental dentro da Candelária e no seio familiar, na medida em que são mantenedoras do sustento dos filhos e responsáveis pela transmissão de valores para a nova geração. “Tá na mão das mulheres. Se você parar pra pensar, os maiores manifestantes somos nós: são as mulheres. Eu aqui, Deise ali, fulana lá”.<sup>6</sup>

Evidentemente que essas festividades sofreram algumas modificações e tiveram que se atualizar, como, por exemplo, tocar funk durante a festa junina. Elas, contudo, ainda são responsáveis por guardar um pouco da memória coletiva desses atores sociais.

As festas populares movimentam e resgatam lembranças e emoções e recriam algo que ficou na memória coletiva, sendo instrumentos valiosos de guarda dessa memória pois não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado, é preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados e noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros. As festas são sempre as mesmas, sem nunca serem iguais, pois são resultantes do aprendizado que se dá pela interação social. Possuem dinâmica própria, transformando-se, atualizando-se, de forma lenta, fora do ritmo acelerado das expressões massivas, embora apresentem uma relação entre tradição e inovação, o que constitui um forte dinamismo, um elemento de vitalidade. (CAPONERO; LEITE; PEREZ, 2011, p. 5-6).

As festas na Candelária são organizadas pelas mulheres, mas os idosos participam ativamente das comemorações. Seu Macumba<sup>7</sup> é um dos mais animados dentro do grupo da terceira idade, formado também pelo Seu Rubinho, Dona Adineva e Seu Mangureira. Na festa junina<sup>8</sup> realizada na Rua de Baixo, Seu Macumba se vestiu a caráter: chapéu de palha, camisa xadrez, lenço vermelho no pescoço e foi o único do grupo que se animou a dançar quadrilha.

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Macumba é o apelido do comerciante José Roberto Ludovice de Menezes. Quando criança, ele dava palpites e acertava resultados dos jogos de futebol, de finais de campeonatos. Daí surgiu o apelido.

<sup>8</sup> A festividade aconteceu no dia 27 de julho de 2013.

E a decoração? Como o tempo estava chuvoso há dias, os organizadores do evento decidiram cobrir todo o espaço com uma lona. Depois, foram penduradas muitas bandeirinhas coloridas e lâmpadas para garantir a iluminação. Sem contar com a montagem de um palco em que um DJ comandava o som, que tocava desde música sertaneja, forró até funk.

Percebe-se que a festa junina realizada na Candelária é uma comemoração típica de Minas Gerais, que ainda continua permeando o dia a dia desses atores sociais. Tanto que eles fazem questão de manter alguns aspectos da festividade, conforme bem lembra Deise Louzada. “[...] A gente faz fogueira, faz delegacia, pessoal veste roupa a caráter. A gente gosta da cultura mineira”.<sup>9</sup>

Neste momento é importante trabalhar um conceito pertinente para esta pesquisa: o de tradições inventadas por Eric Hobsbawn (1984). Na visão do autor, elas são práticas, rituais ou simbólicas, reguladas por princípios aceitos pelo grupo, tendo como finalidade desenvolver, na cultura desses atores sociais, determinados valores de comportamento, por meio de uma relação com o passado feita pela repetição constante dessas práticas.

Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história Contemporânea. (HOBSBAWN, 1984, p.9).

Portanto, de acordo com Hobsbawn, o objetivo e a característica das tradições, incluindo nesse contexto as inventadas, é a invariabilidade. Todavia o autor propõe, nessa reflexão, uma diferenciação entre tradição e costume vigente nas sociedades ditas tradicionais. Se a primeira tem a “rigidez” como particularidade, o segundo possui certa “flexibilidade”.

O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora

---

<sup>9</sup> Trecho de entrevista de Deise Louzada, comerciante e moradora da Candelária, realizada em maio de 2013.

evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (HOBBSAWN, 1984, p.10).

Ainda pela perspectiva de Hobsbawn (1984), o costume não pode ser invariável, porque a vida possui essa característica até mesmo nas sociedades conservadoras. Esse conceito apresentado pelo autor possibilita um novo olhar quanto às práticas culturais, que, aos poucos, vão sofrendo modificações ao longo do tempo.

No entanto, pelo senso comum, a tradição é definida como valores, conceitos que são recebidos do passado, de gerações anteriores e que se perpetuam no presente.

Nota-se que a comemoração realizada na Candelária também é uma forma de resistência à globalização, na medida em que ela sobreviveu às tentativas de hegemonia cultural, refletindo o modo de pensar desse grupo social, sendo ainda tributárias do passado e enraizadas nos hábitos e costumes. (CAPONERO; LEITE; PEREZ, 2011, p.7).

Entre esses hábitos e costumes que regem a tradição mineira, incluem-se comer bem e ter uma mesa farta, com pratos variados, ainda mais quando é uma festa para centenas de convidados! Para não pesar, entretanto, no bolso de ninguém, no caso da festa junina, cada participante levou um pratinho de doce ou salgado, de acordo com uma listagem elaborada pela própria comunidade. “Passa uma lista, né? Coloca-se canjica, bolo, bolo de aipim, todos os tipos de comida típica no caso, algum caldo, pastel. E cada um traz o seu pratinho e assim vai”.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Trecho de entrevista de Graça, moradora da Candelária, concedida em julho de 2013.





Foto: Mesa de doces da Festa Junina da Candelária. Fonte: Acervo pessoal Mônica N. Neustadt

Vale ressaltar que o próximo item deste artigo vai apresentar a culinária da Candelária, suas peculiaridades e características tão marcantes dentro do cenário da comunidade.

Retornando, porém, ao calendário de festas promovido pelos moradores da favela, não se pode deixar de lembrar algumas comemorações importantes para esse pedaço (MAGNANI, 1996) do complexo de favelas da Mangueira. Uma delas é a festa do Dia das Mães, realizada no segundo sábado de maio, véspera da data comemorativa. Na ocasião, prestou-se também uma homenagem às mães que faleceram. “É que a gente comemora as saudosas que não estão mais e as mães que estão aqui com seus filhos, que, graças a Deus, podem passar seu dia com eles”, comenta Deise.<sup>11</sup>

A Rua de Baixo se transformou em um salão de festas. Mesinhas de ferro foram colocadas ao longo da rua, cobertas por plásticos coloridos, um palco foi montado com caixas de som e, para a criançada, um pula-pula.

Essa significação simbólica carregada de marcas do “vivido” (Lefebvre, 1986), do valor de uso, encontra-se na Candelária durante a apropriação da rua como um território de

<sup>11</sup> Trecho da entrevista de Deise Louzada realizada em maio de 2013.



comemoração. “Aqui a gente não tem casa de festa, a nossa casa de festa é na rua. Então as festas são feitas na rua ou na porta dos bares”<sup>12</sup>.

Remete-se aqui também a De Certeau (1984), ao trabalhar o conceito de espaço como um “lugar praticado”, em que a rua planejada, tratando-se especificamente da Candelária, para a circulação de pedestres, bicicletas e motos é transformada em espaço de confraternização pelos moradores.

O “compartilhar” do momento festivo já começou com a arrecadação dos alimentos. Cada um contribuiu com um quilo, detalhe, de alimento perecível, que seria consumido ali mesmo, depois de pronto, durante o churrasco.

O repertório musical foi diversificado, passando por Diogo Nogueira, Seu Jorge, Quadrado de oito, samba de raiz, pagode e, claro, funk. Para as crianças, houve karaokê.

As mães da festa também concorreram ao sorteio de brindes, que foram doados pelos comerciantes da rua. Tinha coelhinho de pelúcia, *nécessaire*, perfumes “importados” e garrafinhas plásticas.

Percebe-se que as festas na Candelária representam os atores sociais que dela participam, com características bastante peculiares, que, de alguma forma, sempre remetem à origem mineira, seja por meio da comida, da música ou da própria cultura da região. “As festas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos reunidos delas participa, mas porque são atividades do grupo e porque é o grupo que elas exprimem”. (MAUSS, 1974, p.295).

Expressão festiva que conta com a participação efetiva dos idosos da Candelária. Dona Adineva, Seu Mangureira, Macumba e Seu Rubinho – o grupo de dominó da terceira idade – não perdem uma comemoração.

E o calendário de confraternizações conta também com os aniversariantes idosos, que se reúnem uma vez por mês na Rua de Baixo para celebrar mais um ano de vida. No caso de Seu Mangureira, foi a primeira comemoração em mais de sete décadas de existência. “O Seu Mangureira nunca tinha tido uma festa, nós fizemos uma festa verde e rosa, com Fluminense, que ele é Fluminense roxo, e a gente via a alegria dele, a satisfação... uma pessoa com 76 anos fazer uma primeira festa não tem preço!”, afirma Deise.<sup>13</sup>

O Natal também é um momento de comemoração do grupo de idosos com a participação de moradores da comunidade, possibilitando um fortalecimento da relação

---

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Trecho de entrevista de Deise Louzada, realizada em maio de 2013.

afetiva e sensível desses atores sociais. Como, entretanto, o Natal é comemorado no seio familiar, a festa é promovida antecipadamente.

O Natal, a gente faz sempre dia 23 de dezembro, que é antes, a gente faz a ceia pra poder participar com eles. Eu como não aguento, dia 24 tenho que vir aqui para ver meus velhos e trazer uma rabanada. A gente brinca, a gente senta aqui dia 24, a gente come, bebe e se despede. Dia 25 de manhã, eu tenho que retornar pra ver se tá todo mundo inteirinho e tudo direitinho.<sup>14</sup>

Independentemente do motivo, seja uma data especial como o Natal, Dia das Mães ou um aniversário, a comemoração proporciona para seus participantes não apenas uma ruptura da rotina cotidiana ou uma perspectiva nostálgica, mas também um renascimento.

A festa possibilita, assim, que visualizemos, sob um outro ângulo, o espetáculo plurívoco do elo “societal”, sobretudo no que tange à acentuação do afetivo e do sensível. O estudo da festa permite redimensionar essa discussão à medida que, sendo um “fenômeno vindo do fundo da tradição”, e que, em relação à Contemporaneidade mais imediata, possa parecer alguma forma de arcaísmo, de sobrevivência, de nostalgia, ou até mesmo de atraso, é, no entanto, vivida, por aqueles que dela participam, como explosão de vida, como revigoramento e, portanto, como uma espécie de renascimento, pleno de atualidade, de inovação, de ruptura. Para quem participa dela, a festa não tem idade, é sempre atual. (PEREZ, 2002, p.53).

Pode-se perceber que, ao discorrer sobre as festas promovidas pela comunidade, um item é de suma importância: a comida. Evidentemente que em qualquer celebração esse é um quesito fundamental, mas, em se tratando de Candelária, ele é prioridade número um. Afinal, é necessário receber bem, com muita fartura e com pratos e combinações típicas. A seguir, será apresentada essa culinária morraica, cheia de sabores e cheiros de abrir o apetite.

### **A culinária morraica**

Nota-se que o pessoal da Candelária é festeiro, que se reúne em datas importantes ou até mesmo sem uma razão especial; basta ter uma partida de futebol na televisão que já é

---

<sup>14</sup> Idem.

motivo para se confraternizar e comer... Mas não é qualquer prato que agrada não. A gastronomia, os temperos têm uma pitada originalmente mineira.

Somos muito de comidas de Minas; aqui a comunidade é muito viciada em galinha, quiabo, carne de porco, e a gente gosta das festas juninas, das cachaças. As pessoas daqui, no Sete de Setembro, vão para São João, para Barra de São João, traz [sic] cachaça branca, traz [sic] torresmo, traz [sic] muita coisa.<sup>15</sup>

Percebe-se que as trocas alimentares do passado, carregadas de memória coletiva pelos indivíduos, fazem parte das raízes profundas desse grupo social. A memória e a herança familiar desempenham um papel fundamental na construção do indivíduo ‘comedor’ e nas escolhas alimentares que ele faz.<sup>16</sup> (STENGEL,2014).

Nascemos numa cultura alimentar e gastronômica, interagimos com esses valores alimentares e a valorização desse patrimônio, atribuímos a eles símbolos sociais vindos de raízes próximas ou distantes no tempo. Depois de algumas experiências, pensamos que nossa identidade de comedor está definida e que só nos resta a fazer o essencial: transmitir essa identidade. (STENGEL,2014, p.35)<sup>17</sup>

Voltando ao lócus da pesquisa, ou seja, a arte de cozinhar na Candelária, percebe-se características bastante peculiares e interessantes de se observar. Ao serem perguntados sobre a comida que não pode faltar nas comemorações, os moradores já têm a resposta na ponta da língua. “Churrasco, churrasco, churrasco. Tem o pagode, tem o churrasco”.<sup>18</sup>

Dona Adineva, que faz parte do grupo de idosos, não perde uma festa na comunidade, confirma o prato principal e ainda dá dica de uma segunda opção do cardápio Candelariense. “Nós faz [sic] muito churrasco. Não pode faltar. Sempre nas nossas festa [sic] faz [sic] churrasco, churrasco, feijoada, isso tudo eles faz [sic]”.<sup>19</sup>

Uma das organizadoras das reuniões na Rua de Baixo também comprova que o churrasco é o “rei” das confraternizações dentro da comunidade. Segundo Deise, o pessoal se reúne, faz um rateio e “queima” uma carne.

<sup>15</sup> Trecho da entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

<sup>16</sup> Tradução literal da autora.

<sup>17</sup> Tradução literal da autora.

<sup>18</sup> Trecho da entrevista de Nem, moradora da Candelária, concedida em abril de 2013.

<sup>19</sup> Trecho da entrevista de Dona Adineva, realizada em abril de 2013.

É, aqui nós gostamos muito de fazer churrasco. Tudo aqui termina em churrasco; às vezes, é um futebol que a gente tá assistindo 'vamo [sic] fazer um churrasco!'. Aí cada um colabora com 5, 10 reais e vai no supermercado, no açougue e faz o churrasco. A gente adora um churrasquinho.<sup>20</sup>

Reunir amigos e parentes para um churrasco não é uma atitude exclusiva do pessoal da Candelária; o carioca e o brasileiro, de uma maneira geral, já tem esse costume. Há, no entanto, algumas adaptações e peculiaridades no cardápio da comunidade, como colocar na grelha fígado de boi e outras iguarias. “A gente não faz o churrasco aqui sem uma carne de porco, uma linguicinha de porco, um torresminho, um feijão tropeiro; a gente gosta muito mesmo dessa comida. É bem mineirinho, mineirinho gosta mais dessas coisas”.<sup>21</sup>

Percebe-se no relato de Deise Louzada, que durante o preparo do churrasco, os moradores se utilizam de brechas (DE CERTEAU, 2014) adicionando alimentos que, normalmente, não fazem parte do cardápio, para manter a tradição da terra natal.

Comida cheirosa, bem temperada, de dar água na boca... Não precisa ser em dia de festa não. Ao circular pelos becos da Candelária na hora do almoço, é possível sentir esse aroma de abrir o apetite até dos mais exigentes.

O prazer de cozinhar e de receber bem faz parte da tradição dessa comunidade. Deise, além de anfitriã das festas, é considerada uma cozinheira de mão cheia pelos moradores da favela. Ela não revela as receitas, mas o segredo da boa culinária está prestes a ser descoberto.

Todo mundo fala que eu cozinho igual à minha avó. A minha vó gostava muito de tempero. [...] A minha avó sempre gostou de feijão com muita carne e eu sou assim, adoro feijão com carne, bem pesado, uma mini feijoada, bem carregada. Na casa da minha avó, tinha aquele cheiro de comida gostosa. Todos falam que eu pareço muito com a minha avó.<sup>22</sup>

Tradição da culinária que passou de geração em geração e que ainda permanece na maneira peculiar de preparar os alimentos, de combinar os ingredientes e de transformar uma simples refeição em um belo banquete, como bem trata do tema a autora Luce Giard (2013).

<sup>20</sup> Trecho de entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem.

Enquanto uma de nós conservar os saberes nutricionais de vocês, enquanto de mão em mão e de geração em geração se transmitirem as receitas da terna paciência de vocês, subsistirá uma memória fragmentária e obstinada da própria vida de vocês. (GIARD, 2013, p. 215).

Se a comida é um dos motivos da sociabilidade dentro da Candelária, uma pergunta surge por parte desta pesquisadora. De onde vêm esses alimentos? O questionamento é válido, porque, dentro da Candelária, não há supermercado ou açougue, apenas pequenas mercearias, bares e uma padaria na Rua de Baixo. Ao serem perguntados, os moradores disseram que precisam sair da comunidade para fazer as compras mais pesadas, como arroz, feijão, ou seja, os alimentos necessários para abastecer a despensa de uma casa. O mercado mais próximo fica perto da estação de trem da Mangueira, na Rua Visconde de Niterói, quase chegando à quadra da escola de samba.

Seu Rubinho também prefere fazer as compras de mês fora da comunidade, mesmo tendo que pagar pelo transporte. “Não, não entrega não. A gente deixa as bolsa [sic] lá, aí pega um carro. Eu faço mais na Cancela, em São Cristóvão. Aí, quando eu venho de carro, ele me deixa ali, aí dá 12, 15 reais de frete”.<sup>23</sup>

Ainda segundo Seu Rubinho, alguns vizinhos vão mais longe para comprar os mantimentos.

Vai no mercado Guanabara, na Maxwell e tem outro na Suburbana, lá em cima. O ônibus deixa na porta, certo? E tem o Mundial também, que é do lado de lá, Mariz e Barros ali, muita gente faz compra lá também. Quem faz compra por mês igual eu faço, vai lá [...]. Aí compra tudo, bota dentro do carro e traz.<sup>24</sup>

De táxi, de ônibus, de van, parece que pouco importa para os moradores da Candelária o tipo de transporte que será utilizado, o que interessa mesmo é garantir uma mesa farta e, de preferência, com pratos recheados de temperos e de lembranças da culinária mineira.

---

<sup>23</sup> Trecho da entrevista de Seu Rubinho, concedida em setembro de 2013.

<sup>24</sup> Idem.

## Considerações Finais

Percebe-se que os moradores da Candelária possuem um orgulho da origem proveniente de Minas Gerais seja por meio dos festejos, seja pela culinária. Eles se preocupam em manter as tradições culturais que foram trazidas pelos primeiros habitantes que chegaram à comunidade no início do século XX para trabalhar em uma fábrica de cerâmica que ficava bem próxima ao morro. “Eu acredito que quem veio para cá já trouxe uma bagagem de Minas, trouxe para cá, enraizou, ficou e foi crescendo”.<sup>25</sup>

Evidentemente que, com o passar do tempo, houve a necessidade de “atualizações” como, por exemplo, a presença do funk em festas juninas, para agradar as gerações mais jovens, mas, nota-se nos relatos orais dos moradores que eles tentam preservar as raízes por meio de hábitos e costumes de seus antepassados.

Preservar as raízes também na cozinha, pela forma de preparar os alimentos, pela escolha dos temperos, pelo manuseio dos utensílios e pela maneira cadenciada da colocação dos ingredientes. De acordo com Le Breton (2006), a cozinha dá a sensação de identidade aos indivíduos.

No caso da Candelária, a comida mineira, farta, bem temperada, cheirosa, é a identidade desse grupo social. Ao se alimentar, esses atores sociais vão além da função simplesmente nutricional, eles reativam um saldo de memória. “O sabor do mundo se experimenta primeiro na boca, no gozo de alimentar-se com comidas associadas a uma história, uma preparação e a alimentos reconhecidos e compartilhados”.<sup>26</sup> (LE BRETON, 2006, p.277)

---

<sup>25</sup> Trecho de entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

<sup>26</sup> Tradução literal da autora.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer:** a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco,1993.
- CAPONERO, M. C.; LEITE, E.; PEREZ, S. **Festas populares:** O negro e o branco como construtores do patrimônio imaterial. In: Simpósio Nacional de História, 26. 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, julho 2011.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1:** artes de fazer. 22.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DE CERTEAU, M. et al. **A invenção do cotidiano 2:** morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial.** São Paulo: Brasiliense,1994.
- DURKHEIM, Émile. *Les Formes élémentaires de la vie religieuse.* Paris: PUF, 1985.
- HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LE BRETON, D. *La Saveur Du Monde: Une anthropologie des sens .* Paris: Métailié, 2006.
- LEFEBVRE, H. *La Production de l'Espace.* Paris: Anthropos.1986.
- MAFFESOLI, M. **Notas sobre a pós-modernidade.** O lugar faz o elo. São Paulo: Atlântica Editora, 2004.
- MAGNANI, J. G. C.; Torres, L. de L. **Quando o campo é a cidade:** fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca. (org.). **Na Metrópole:** textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MAIA, J., BIANCHI, E. **Réveillon de Copacabana:** Territorialidades Temporárias. In: FERNANDES, C., MAIA, J., HERSCHMANN, M. (orgs). *Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em Cena.* São Paulo: Anadarco, 2012.
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, V.II, 1974.
- PEREZ, L. F. **Antropologia das efervescências coletivas.** In: COELHO, A. C. et al. **A Festa na vida:** significados e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SANTOS, M. \_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- SIGAUD, M. F. **Cidade:** Memória versus esquecimento. In: Revista Logos Comunicação & Universidade. Ano 4, Nº 7. Rio de Janeiro: FCS/UERJ, 2º semestre, 1997.
- STENGEL, K. **Hérités alimentaires et identité gastronomique.** Paris: L`Harmattan, 2014.